

"Nas pesquisas que eu tenho feito, sempre optei por trabalhar com a categoria 'negros', juntando pretos e pardos"

Elza Berquó, demógrafa

"Sou filho de pai branco e mãe negra. Então sou negro"

Fernando dos Santos, 25, rapper

ARTIGO

Em Defesa do Mestiço

MARILENE FELINTO
Da Equipe de Articulistas

A pesquisa do Datafolha divulgada hoje revela que pelo menos 58% da população brasileira tem pele escura —o contrário do que dizem os Censos do IBGE, que sempre mostram o Brasil como de maioria branca (54%).

O erro do IBGE tem sido insistir em classificar como "pardos" os morenos (ou mestiços) brasileiros. O órgão usa a terminologia desde 1940. De início, servia apenas para controle interno, para classificar todos aqueles que, no quesito cor/raça do Censo, não se identificavam com as categorias apresentadas (branca, amarela e preta). A partir de 1960, "pardo" passou a ser opção de raça/cor no formulário do Censo.

O mestiço, encurralado entre cores de pele que não correspondem à sua —além de parda, opta-se hoje entre branca, preta, amarela ou indígena—, muitas vezes faz um x na branca, para fugir da "parda". É acusado de racista. Mas que alguém responda, então, pelo infeliz: a pele morena é mais negra ou mais branca? Por acaso essa pergunta faz sentido?

Não faz. O IBGE, cheio de boa vontade, resolveu respondê-la, só que da pior maneira possível. "Pardo", em português brasileiro, tem carga semântica negativa. Significa "de cor entre o branco e o preto", mas também "de um branco sujo, duvidoso", segundo o dicionário Aurélio.

Ninguém quer ser identificado com essa palavra horrível, de conotação racista,ariana, o "branco sujo, duvidoso".

A pesquisa do Datafolha mostra que apenas 6% dos entrevistados se autodefiniram como pardos, enquanto a grande maioria, 46%, se apresentou como moreno, em suas diversas graduações.

A pesquisa intercensitária (PNAD) realizada pelo IBGE em 1976 — em que o quesito raça/cor foi formulado de maneira aberta pela primeira vez— tem resultado idêntico: "moreno" foi a palavra mais mencionada nas respostas.

A solução óbvia seria portanto substituir, no formulário do Censo, "pardo" por "moreno", ou qualquer outro termo com que a população se identifique.

O argumento do IBGE de que seria impossível a apuração se se escolhesse "moreno", por conta das diversas graduações adicionadas à palavra (claro, escuro etc.), não convence ninguém. Soa a preguiça política. Parece que o Censo é feito por brancos para brancos. A esmagadora maioria de brasileiros, a dos mestiços, é relegada ao "saco de gatos" ou "de lixo" dos pardos, conforme definiu a demógrafa Valéria da Motta Leite.

Não será tão impossível assim aplicar uma metodologia a um termo que a população escolheu. Se ainda se duvida da importância de uma palavra, que se consultem filólogos e linguistas —já que não se consulta o povo.

É preciso notar também que em nenhuma das pesquisas em questão aqui, os entrevistados responderam que são "afro-brasileiros", como querem certas tendências dos movimentos negros identificar a raça e seus descendentes.

Importada dos Estados Unidos, a expressão não encontra ressonância entre brasileiros. A África só é aqui enquanto Pelourinho, capoeira e berimbau. O resto é Brasil, nas suas peculiaridades únicas. E Brasil não é África.

É preciso identificar o mestiço como mestiço. Se ele não marca um x na cor preta, é porque sua pele não é preta. Ou somos todos cegos? Pele não é questão de consciência. Pele é pele. É simples assim. Paciência se os negros são minoria no país. Paciência. Os mestiços não têm obrigação —nem moral nem histórica— de mudar a cor de sua pele em favor de uma suposta "conscientização" de qualquer raça, negra ou branca.

Na verdade essa tendência a querer que o mestiço de negro com branco se autodefinia como negro (por uma questão de consciência) é, por um lado, discriminatória: os brancos estariam afastando de si tudo o que não é puro, ariano; por outro, revela a postura autoritária dos movimentos negros brasileiros, que, perdidos em discutir picuinhas como a sexualidade de Zumbi —ou o valor da constrangedora indenização "reparadora" a ser recebida por tataranetos de escravos—, querem arregimentar trouxas para sua luta equivocada.

Mestiço não é negro, muito menos branco. É mestiço, e é assim que deve ser tratado, como mestiço, com identidade própria, mescla de uma raça com outra.

Ou então que se altere logo o critério de classificação de raça/cor no Brasil, que se siga de vez o critério americano, racista na sua essência. Afinal, o IBGE não distingue cor de raça. Do técnico ao pesquisador, ninguém sabe direito que terminologia usar. Os textos e discursos dos especialistas no assunto estão cheios de exemplos da mistura e da utilização indiscriminada desses termos.

Nos Estados Unidos, "o divisor de águas é mais claro", diz a demógrafa Elza Berquó. Trata-se de uma sociedade racista, em que praticamente não houve miscigenação, em que "a questão não é a cor da pele mas o sangue. A pessoa pode ter um fenótipo branco, mas será negra se tiver genótipo negro, ou seja, sangue negro. São concepções completamente diferentes".

Seria bom que no Censo do ano 2000, o mestiço brasileiro assinalasse sob protesto o quesito raça/cor do formulário: substituisse pardo por moreno ou mulato, se não for consultado sobre sua própria cor, sua questão de pele.

Demógrafa quer consulta sobre cor

Elza Berquó, do Cebrap, trata pretos e pardos como 'negros' por razão política

Da Equipe de Articulistas

Elza Berquó é uma das integrantes da equipe de três demógrafos que assessora o IBGE na elaboração do Censo brasileiro. Pesquisadora do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), em São Paulo, é especialista em demografia da população negra brasileira. Desenvolve estudos sobre mortalidade infantil, fecundidade, família, e saúde da raça negra.

Trabalhando também junto ao Núcleo de Estudos de População da Unicamp, que dirigiu durante 12 anos, Berquó realiza suas pesquisas a partir da concepção de que pretos e pardos sejam unidos em categoria única, dos "negros, por uma questão de conscientização", embora ache necessário separar pesquisa de militância.

A demógrafa reconhece que "ninguém tem sabedoria, direito nem privilégio de classificar ninguém". Acha "pobre" a classificação por raça ou cor da pele, conforme aparece no formulário do Censo do IBGE, e não se opõe a que a palavra "pardo" seja trocada por "moreno".

"Eu acho que a grande maioria vai se classificar como morena, porque a população brasileira é morena mesmo", conclui.

Elza Berquó recebeu a Folha em seu escritório do Cebrap, na Vila Mariana, zona Sul de São Paulo. (Marilene Felinto)

Folha - Como a sra. avalia o critério da classificação populacional por cor ou raça, conforme se faz hoje no Brasil?

Elza Berquó - Nas pesquisas que eu tenho feito, sempre optei por trabalhar com a categoria "negra", juntando pretos e pardos. Exatamente dada a dificuldade dessa classificação. Trabalho sempre com brancos e negros para poder estabelecer comparações. Acho importante que o IBGE utilize ultimamente a autotranscrição, a única válida, porque ninguém tem sabedoria, direito nem privilégio de classificar ninguém.

Folha - O que a sra. chama de autotranscrição, no Censo, é o quesito referente a raça ou cor?

Berquó - Exatamente. No Censo, na questão da cor, o que se solicita é que a pessoa se autotranscreva como branca, parda, preta, amarela e, agora, como indígena, porque essa categoria não existia. Mas concordo com muitos antropólogos e outros pesquisadores que acham que essa é uma classificação pobre. Como amarelos e indígenas são minoria, a grande polêmica é realmente a categoria parda. Ninguém na vida real se chama de pardo. Nem a literatura nem a

poesia nem a música nem o noticiário diário chamam ninguém de "pardo". As pessoas são morenas mais claras ou mais escuras.

Folha - A sra. elimina a categoria pardo de suas pesquisas?

Berquó - Coloco tudo como negro. Junto os dois. Seria quase como branco e não-branco, mas eu não gosto dessa denominação porque fica parecendo que o branco é o referencial. No Brasil, como o preconceito e a injustiça social pegam mais a população negra, que está na base da pirâmide, as pessoas, na medida em que têm uma certa ascensão social, tenderiam a se autotranscrever de mais claras, de brancas. Eu privilegio a categoria negra para reforçar o peso reivindicatório deste segmento populacional. A população que se autodeclara preta é muito pequena no Brasil, não chega a 5%. Quem se auto-identifica como negro tem uma consciência que é fundamental para a luta do movimento negro. O ideal seria se a gente pudesse ter brancos, afro-brasileiros, asiáticos e indígenas. Mas o IBGE ainda não usa essa classificatória.

Folha - Por que o termo "afro-brasileiro" seria ideal?

Berquó - Porque, afinal, os negros são afro-brasileiros.

Folha - Mas os brancos italianos seriam então "italo-brasileiros" e os japoneses amarelos "nipo-brasileiros"?

Berquó - Tudo bem, aí eles que reivindiquem, se querem que assim seja. É preciso lembrar que há estudos de antropólogos brasileiros mostrando que, quando se usa uma classificatória bem mais ampla, a proporção de brancos e de pretos diminui, porque as pessoas têm mais possibilidade de se colocarem. Agora vamos separar uma coisa que é a pesquisa e a militância. Para efeito de militância é fundamental a auto-identificação, porque isso significa uma tomada de consciência. Eu ajo assim porque aprendi isso de alguns movimentos negros, com os quais concordo.

Folha - É importante haver uma classificação por raça ou cor num Censo brasileiro?

Berquó - É importante porque, por exemplo, no Censo de 1970, essa questão de cor foi abolida. Nós estávamos em pleno período de ditadura militar e se resolveu tirar o quesito do formulário, sob alegação de que seria racismo incluí-lo. Com isso, ficamos quase 20 anos sem ter qualquer informação sobre a vida da população pobre brasileira, pois o Censo de 60, que continha o quesito, só foi publicado em 1978. E até hoje não foi divulgado na sua íntegra. Esse vácuo de informações foi prejudicial, porque as políticas públicas



Luiza Ferreira/Folha Imagem

não tinham como ser aplicadas.

Folha - Na atribuição espontânea da cor, critério adotado pelo Datafolha, apenas 6% dos entrevistados se disseram pardos. A maioria, 46%, se disse "morena". A palavra "pardo" não teria uma carga semântica negativa a ponto de as pessoas não se reconhecerem nela?

Berquó - Pois é. O IBGE também tem consciência de que a questão não é simples. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 76 é um exemplo disso. Mas ali a correlação foi altíssima. Houve concordância em 94% dos casos.

Folha - Também nessa PNAD de 76 "moreno" foi a palavra que mais apareceu?

Berquó - Foi. E eu não tenho nada a opor a que se troque o termo pardo pelo termo moreno. Mas a experiência de várias pesquisas

pequenas em alguns contextos do Brasil, em geral traduzidas por antropólogos, mostra que, quanto mais ampla é a possibilidade de identificação, mais as pessoas se sentem à vontade.

Folha - Qual a melhor maneira de resolver essa questão?

Berquó - Eu acho que devia ser feita uma consulta à população, para saber se ela prefere pardo ou moreno. É mais do que razoável fazer isso. Essa pesquisa do Datafolha possivelmente será um elemento para ajudar o IBGE no próximo Censo. Nós já estamos em 1995 e infelizmente ainda não temos a informação da população pela sua classificação por cor referente ao Censo de 91. Há uma curiosidade muito grande, dos pesquisadores, dos movimentos, para ver como isso ficou.

A pesquisadora Elza Berquó durante entrevista realizada no Cebrap

POLÊMICA NA MÚSICA



Patrícia Santos/Folha Imagem

Fernando, de chapéu, integrante do grupo Disciplina Urbana (à esq.), discorda de pagodeiros (à dir.) e acha que todo moreno é negro

'Não sou negro, sou marron-bombom'

VIOLÊNCIA HIGH-TECH

(Nando É, do grupo Disciplina Urbana)

Sobem no morro Invadem sua casa Sem nenhum pudor O tipo de tratamento Vai depender da sua cor Abusam da autoridade Espancam os negros nas ruas E ainda dizem que temos liberdade

Da Sucursal do Rio

Fernando Pereira dos Santos, 25, o Nando É do grupo de rap Disciplina Urbana, tem a pele clara, mas não admite discussão sobre sua cor: ele se diz negro.

"Sou filho de pai branco e mãe negra. Então sou negro", conclui.

Para os rappers cariocas, não há meio-termo. Branco é branco, negro é negro. Mulatos, morenos, marron-bombom e outras denominações são uma tentativa de "embranquecer" a população.

"Fico envergonhado em saber que há negros que dizem ser morenos. Eles denigrem a nossa causa", diz Fernando Xhackal, 22, do

Realidade Social, derrapando no verbo politicamente incorreto.

Xhackal quer mudar sua certidão de nascimento. Nela está escrito que ele é pardo.

"Que raça é essa? Eles fazem tudo para nos embranquecer", diz.

Edwiges Luiza Tomáz, do grupo Damas do Rap, trabalhou no último Censo realizado pelo IBGE e conta ter ficado espantada com a quantidade de pessoas que se classificam como "morenas".

D.J. Lé, um gaúcho de 19 anos e parceiro de Xhackal no Realidade Social, também se auto define como negro apesar da pele clara.

"Sou pobre, vivo na favela, as pessoas me olham de lado. Se so-

fro os mesmos preconceitos, então também sou negro", afirma.

Para os pagodeiros do grupo Os Morenos, o Brasil é um país moreno. Daí o nome do conjunto, que emplacou nas paradas o hit "Marron-Bombom".

"Aqui tem de tudo. Se colocar no liquidificador, o que sai é o moreno", diz o percussionista Betinho Moreno.

"Não sou negro, sou marron-bombom. Brancos e negros gostam de ser chamados de morenos", afirma o vocalista Ézio San.

Na hora de responderem sobre o tom de suas peles, são unânimes: "somos morenos como todos os brasileiros". (Cristina Grillo)

MARRON-BOMBOM

(do grupo Os Morenos)

Menina é gostoso Demais te amar Eu te preciso Tira a calça jeans Bota o fio dental Morena você é tão sensual Na areia o nosso amor No rádio o nosso som Tem magia a nossa cor Nossa cor marron Marron bombom